

Cadernos de Pesquisa

A institucionalidade da cultura e as mudanças socioculturais

N. 1 - julho/2021

Néstor García Canclini
(Coordenação)

Sharine Machado Cabral Melo
Juan Ignacio Brizuela
Liliana Sousa e Silva
(Organizadores)

Néstor García Canclini
Teixeira Coelho
Carla Cobos
Sharine Machado Cabral Melo
Juan Ignacio Brizuela
(Autores)

Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência
Parceria do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP)
com o Itaú Cultural

DOI 10.11606/9786588152102

AUTORES

Néstor García Canclini

Professor Investigador no Departamento de Antropologia da Universidade Autônoma Metropolitana e Investigador Emérito do Sistema Nacional de Investigadores, do México. Titular da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência - IEA/USP.

Teixeira Coelho

Professor Emérito da ECA-USP, colaborador da Cátedra Unesco de Política Cultural da Universidade de Girona, Espanha. É coordenador do curso de especialização em gestão e política cultural do Observatório Itaú Cultural.

Carla Pinochet Cobos

Antropóloga social da Universidade do Chile e doutora em Antropologia da Cultura pela Universidade Autônoma Metropolitana, do México.

Sharine Machado C Melo

Administradora Cultural na Funarte, doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e pesquisadora de pós-doutorado da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência - IEA/USP.

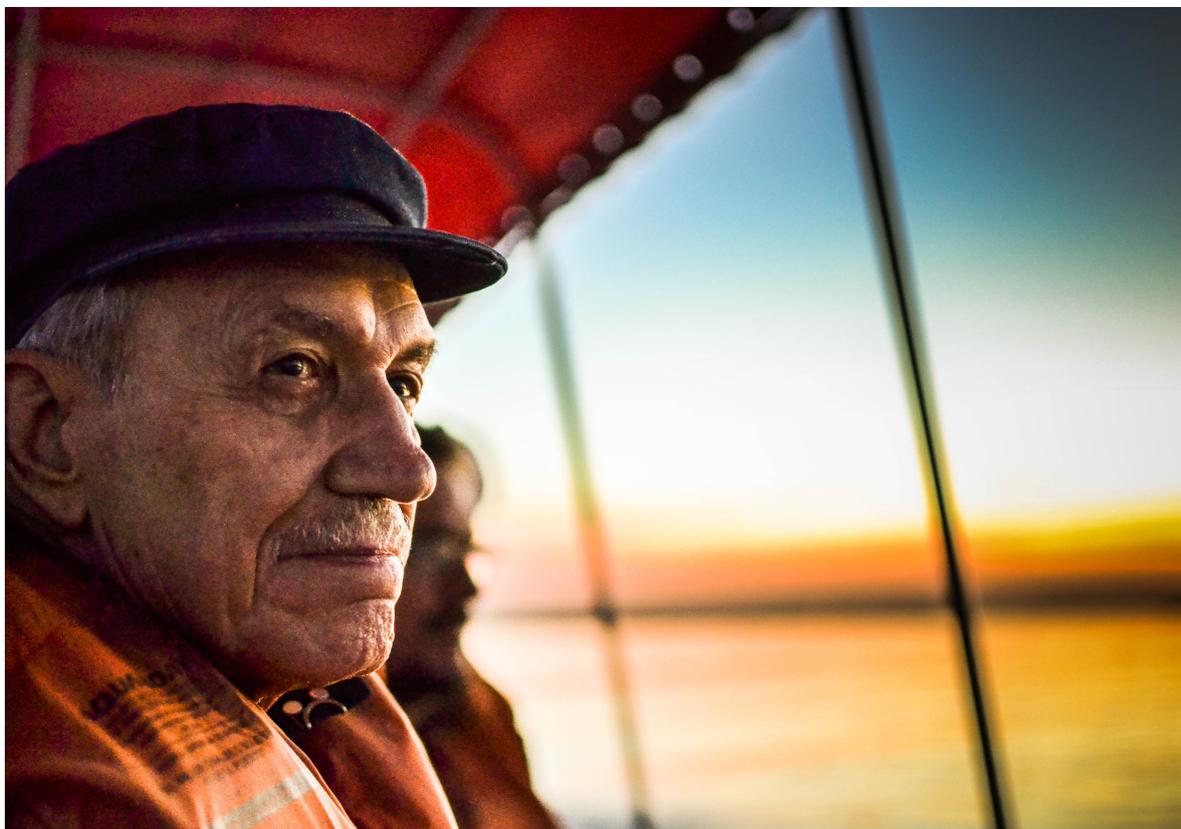
Juan Ignacio Brizuela

Doutor pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos - IHAC, UFBA. Pesquisador de pós-doutorado da Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência - IEA/USP.

RECEPÇÃO A NÉSTOR CANCLINI

Teixeira Coelho

Foto de Néstor García Canclini, reproduzida na edição mexicana do livro *Pistas Falsas* (Editorial Sexto Piso, 2018).
©Titi Nicola



A foto que veem aparece impressa na *orelha* da edição mexicana de *Pistas Falsas* 2018, livro de Néstor Canclini que escolhi para atravessar este pedaço de *selva oscura* na qual me encontrei ao aceitar o desafiador convite para falar nesta cerimônia, convite trazendo o risco de desviar-me da *direta via* – como ainda traz.

Como podem ver, nesta foto...

...Néstor aparece olhando para a frente num cenário de sol nascente. O sol, surgindo por trás de Néstor, começa a iluminar um mundo, alguma coisa envolta em perceptível escuridão a surgir diante do antropólogo e que ele ainda não sabe bem o que é – embora suspeito. Claro, alguém poderia dizer: “Não

é sol nascente, é sol poente!” Mas minha interpretação é tão boa quanto qualquer outra e é ela que será levada em conta aqui. Não acreditem nessa história de que uma imagem é *objetiva* e vale por mil palavras: as imagens mentem tanto quanto as palavras. Então prefiro dizer que essa foto arma um quadro adequadamente intitulado *Néstor, sol nascente* – como no Impressionismo. O Impressionismo é, aliás, uma boa divindade a invocar no começo desta fala, talvez a mais expressiva divindade, cuja proteção desde logo suplico.

Provavelmente se espera, de uma fala como esta, que faça um passeio pelo passado do apresentado. Mas Néstor não está sendo recebido numa Academia de Letras, quando o

empossado alcança, segundo a Lei de Parkinson, seu último grau de incompetência e é promovido à primeira fase da irrelevância. Não há mais nada a fazer depois da Academia ou do Prêmio Nobel. Mas aqui é diferente, tudo ainda está à frente de Néstor e ele olha *para a frente* – talvez não muito entusiasmado com o que vê, mas certamente sem pavor: sente um pouco de frio, mas esboça um quase sorriso, o sorriso ambíguo e incerto que sempre vemos surgir no rosto do imigrante diante da terra à vista. Néstor é um imigrante no território no qual escolheu morar a partir deste livro (pelo menos parte do ano, parte do tempo), o território das *Pistas Falsas*, a terra da literatura. Então, ele olha para a frente – assim como esta fala prefere falar a partir do presente e enxergar um futuro¹. Em outras palavras: o que faria Néstor daqui para a frente, o que faria ao desembarcar dessa nave incerta que ainda o abriga, de algum modo.

Não estou dizendo que o passado de Néstor não interessa. Pelo contrário. Todas as pegadas que Néstor deixou como antropólogo da sociedade contemporânea ainda estão *caminhando* firmes pelo presente: são pegadas que andam, não são pegadas imóveis e congeladas. Por exemplo, isto que Néstor escreveu na abertura de um ensaio de 1987, “*Políticas culturales y crisis de desarrollo: un balance latino-americano*”, continua perfeitamente válido. O que ele anotou: que a política e a cultura seguiam sendo, para muitos políticos, como ainda

seguem sendo, 33 anos depois, dois campos opostos e, mesmo, adversários (com a política buscando sempre dominar a cultura ou esquecê-la, acrescento eu). E seguia Néstor naquele ‘87 ainda tão próximo de nós (as coisas mudam pouco nestas latitudes sulinas): a maioria dos artistas e pessoas de cultura continua vivendo o fato político como uma terra estrangeira e ameaçadora (no que, digo eu, têm intermitente razão) e as políticas culturais *continuum sendo* um espaço de duvidosa existência. Tão duvidosa que, uns quantos *vários* anos depois, em 2003, Néstor iria perguntar-se: “¿*La mejor política cultural es la que no existe?*” Não adiantarei minha opinião agora, deixarei que Néstor explore o tema no tempo de sua Cátedra... Quero apreciar, sentado confortavelmente na arquibancada, os malabarismos que ele terá de fazer para responder a essa pergunta de modo, digamos, aceitável no contexto de uma cátedra em... políticas culturais.

Então, esse ponto está consolidado: o que Néstor escreveu no passado continua ativo, como um desses links que surgem em azul no meio de uma página na tela do computador: clica-se nele e tudo se efetiva. Interessa-me mais, porém – e tenho certeza de que também a Néstor –, seu presente e seu futuro. E por isso escolhi como âncora as *pistas falsas*, de seu livro homônimo², como guia para minha caminhada por esta *selva oscura*. Claro, ninguém pode acusá-las de falsa publicidade porque elas declaram, desde logo, aquilo que são ou pretendem ser: falsas.

1. Se alguém ainda necessita saber como e por que Néstor Canclini chegou até aqui, será suficiente, além de ler alguns livros dele – sempre a melhor opção – consultar as páginas de *La interculturalidad y sus imaginarios: Conversaciones con Néstor García Canclini* (GREELEY, 2019).

2. GARCÍA CANCLINI, N. *Pistas falsas*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural; Editora Iluminuras, 2020. Primeira edição mexicana sob o mesmo título pela Editorial Sexto Piso, 2018.

Escritores de fala hispânica demonstram uma recorrente e admirável propriedade: com muita facilidade escrevem coisas engraçadas, escrevem *divertidamente* coisas divertidas. Não me esqueço jamais: quando li *Don Quijote* pela primeira vez – em terra estrangeira, não como imigrante, mas como *exilado preventivo*: eram os tempos de uma ditadura que, como pretendem nos dizer hoje, aqui, nunca existiu. Retomando: quando li *Don Quijote* pela primeira vez, quase morri de dar risada. Eu deveria estar prestando atenção a todas aquelas coisas importantes que os professores de literatura e teoria literária salientam com tanta insistência; mas eu não podia, porque estava morrendo de dar risada o tempo todo... Pois é assim, me diverti muito lendo *Pistas Falsas*. Tanto quanto Néstor – mas acho que ele se divertiu ainda mais... E os motivos pelos quais um livro intitulado *Pistas Falsas* é relevante, com todas as risadas que provoca, para servir como pistas para o que será uma nova edição da Cátedra que se inicia, é algo que ficará claro daqui a pouco...

Lendo esse livro, que deve ter sido publicado entre 2035 e 2040 - considerando que o arqueólogo chinês, que é seu personagem principal, chegou a Buenos Aires em 2030 –, ri muito ao me deparar com a transcrição de uma conversa entre esse mesmo arqueólogo chinês e uns nativos sul-americanos que descreviam seus respectivos países sul-americanos (Néstor tem o bom gosto de evitar descrevê-los como “latino-americanos”) como sendo (ou tendo sido) *países sem futuro* – porque venderam tudo a empresas chinesas, americanas e canadenses que, quando se acabarem os minérios e a água, irão embora. Ou já foram. E ri porque me lembrei de um

tempo em que se criticava a venda de tudo ao imperialismo neoliberal, pó de traque diante do imperialismo asiático que cava buracos bem mais largos e fundos...

Ri muito também ao ler a anotação do arqueólogo sobre um acidente que presencia em México DF entre um ônibus e um grande caminhão transportando materiais variados, caminhões que naquela capital centro-americana são chamados de “materialistas”... “*los materialistas*”. Uma expressão com ressonâncias de fato nada metafísicas, como observa o narrador (Néstor, suponho) – e que me lembrou outro momento de assombro conceitual e existencial pelo qual passei ao entrar em Atenas pela primeira vez e pela única porta correta quando se chega a uma cidade pela primeira vez, uma porta de bairro – o que pude fazer por chegar à Grécia de carro, vindo da Turquia – e, assim, podendo evitar a entrada errada, a entrada pasteurizada e homogeneizada e desoladora de todos os aeroportos cheios de indistintos Gucci e Chanel e Tommy Hilfiger e Dolce & Gabbana. Na primeira rua ao sair da estrada, trânsito lento, passo diante do que parecia um grande depósito, velho e mal cuidado mas ativo, com vários caminhões em seu interior e em cuja fachada estava escrito em letras quase apagadas:

μεταφέρω
metáfora
μεταφέρω

“Eureka!” Numa fulguração não tão rara em minha vida, e que daquela vez me arrebatou de novo, entendi de cara: **TRANSPORTES**. Companhia de Transporte!

Claro! Para que serve uma Metáfora? Para transportar coisas, levá-las de um lugar a outro, levar a nós mesmos de um lugar para outro. E foi aí que o caminhão materialista das *Pistas Falsas* se chocou com minha transportadora metafórica no mais espetacular desastre da história entre a filosofia dialética, de um lado, e a semântica poética de outro, um vasto e iluminista acidente a jogar mais luz sobre o caminho da política cultural do que mil palavras ossificadas e repetidas à exaustão. A política cultural e a teoria da política cultural necessitam de fato, com urgência, de outros choques linguísticos como esse capazes de, vindos das ruas, jogar para fora do barco os velhos chavões mumificados que as congelam num labirinto esquizofrênico. (Observação pertinente, de passagem: a expressão “vindos das ruas” pode ser substituída com vantagem pelo termo “cultura”).

E me diverti muito também quando o arqueólogo de *Pistas Falsas* foi visitar uma certa Central Internacional de Algoritmos que experimenta novos métodos de identificação de gostos e tendências, aplicando aos entrevistados um questionário com perguntas que *ainda* não se veem nas mídias *antissociais* da internet: “Você alguma vez mudou de religião, de time de futebol ou... de sexo?” A opção “mudou de partido político” poderia ter sido incluída com vantagens... Enfim, não sejam céticos, esse caminho abre mais pistas para o conhecimento da política cultural do que a maior parte das inúteis sondagens estatísticas de consumo

da cultura que se empilham silentes sobre mesas sem brilho.

Foi divertido, ainda, descobrir, com o arqueólogo do livro, que os escritores – os escritores de literatura, por exemplo – tinham encontrado, *no futuro deles*, que, pelas minhas contas, é nosso passado, uma sorte insuspeitada na condição de *destinos turísticos* ao se transformarem em engrenagens integrantes dessa *indústria turística* que, em Buenos Aires, acolhe visitantes já cansados de comprar pela décima vez uma jaqueta de couro que pouco usarão como os brasileiros (acrescento eu às sérias anotações do arqueólogo chinês), ou de ir ver *los Glaciares* (que, de resto, levando em conta a data de publicação do livro, já se acabaram há uns quinze anos) e que então passaram a fazer a Rota Borges ou a Rota Ernesto Sabato, a Rota Bioy Casares, a Rota Victoria Ocampo... Num futuro não tão largo, talvez a Rota Néstor Canclini. É fantástico isso, o valor dessas alternativas é ouro puro para o futuro da política cultural e dos escritores – se apenas alguém se lembrasse ainda do sentido um dia dado à palavra *escritor*...

Queria muito continuar compartilhando com vocês a diversão recorrente que experimentei ao ler o estudo arqueológico concretizado em *Pistas Falsas* sobre as *ruínas culturais* do futuro que conformam nosso passado. “Ruínas com futuro?” – indaga-se o narrador do livro. Espero que sim. Queria muito continuar, mas o vírus deste ano de 2020 conseguiu corroer até mesmo o tempo desta cerimônia e preciso ainda falar de muita coisa *muito*, mas *muito* séria.

Por exemplo, esta: a certa altura, o narrador registra uma diferença nítida entre a literatura, pela qual Néstor está agora optando,

e a política cultural. Nos termos usados pelo narrador do livro, a diferença torna-se visível na comparação entre o *patrimônio histórico* em suas várias manifestações – com as quais cada época guarda as respostas que foi encontrando para os desafios da vida e do mundo – e a *literatura*, que se faz com aquilo para o que a sociedade *não encontra respostas...* Há algo mais valioso para a reflexão sobre a cultura e a política cultural do que essa distinção? É provável que o narrador de *Pistas Falsas* esteja de acordo com um graffiti que ele mesmo alega ter encontrado em sua visita a México DF. Escrevo que ele “*alega ter encontrado*” porque, como *Pistas falsas* se diz ficção, vá lá saber se Néstor de fato encontrou esse graffiti ou o inventou de modo bem inventado... É que literatos fingem muito, tanto quanto o poeta de Fernando Pessoa; fingem muito e de modo muito mais heurístico do que alegadas constatações objetivas da razão pura. Mas não posso me esquecer de transcrever o tal graffiti alegadamente visto em algum lugar de México DF: “*Quanto mais sabemos, menos entendemos (...) e é melhor assim.*” A essa altura sei que corro o risco de não mais ser levado a sério – mas existe coisa mais importante para a cultura e a política cultural do que aceitar que, pelo menos algumas vezes, é bem melhor *entender menos?*

E é muito séria, ainda, esta outra passagem do livro relatando a visita do arqueólogo chinês a uma exposição do artista León Ferrari, um amigo que tive em comum com o narrador de *Pistas Falsas*, esse narrador que talvez seja Néstor. Nessa visita, e numa conversa sem dúvida erudita, os dois interlo-

cutores percebem que a arte tem movimentos que a levam a *superar* o real, a ir *muito mais longe* do que o real, a *ultrapassar* o real: num primeiro momento, a arte começa por *exasperar*, com muito mais liberdade, as transgressões vislumbradas e, em seguida, *ordena-as* de um modo com o qual a vida não pode nem sonhar. Nem a vida, nem a filosofia, nem a sociologia, nem a antropologia, nem a política cultural. Essa assertiva é minha, claro – mas não é impossível que o narrador do livro com ela concorde, e talvez até o próprio Néstor... E não há nada mais útil a um pesquisador e ator da política cultural do que ter consciência desse fenômeno irretorquível: a literatura vai bem mais longe do que a política cultural.

Há passagens que não relatarei (motivado por um pudor que eu não sabia ter), como as cenas de desejos poeticamente amorosos entre o arqueólogo e sua namorada, e cenas de fato eróticas que não costumam aparecer nas páginas assinadas por um arqueólogo, menos ainda nas de um antropólogo.

São muitas as pistas falsas que Néstor espalha ao longo de seu livro, impedindo-nos de ver com clareza o que ele mesmo está vendo naquela expressiva foto e aquilo que ele mesmo antevê para seu programa à frente desta Cátedra. Como a *essência* de qualquer coisa *sempre aparece*, assim como toda *aparência é sempre essencial*, fui à aparência visível de todo livro, sua capa, sua *portada*, como se diz bem em espanhol, em busca de pistas mais concretas. Mas aquela capa não revela muita coisa, com essas mãos que parecem surgir da parede de uma caverna paleolítica e se debater entre fantasmagorias incertas.



Capa da edição mexicana do livro *Pistas Falsas* (Editorial Sexto Piso, 2018)



Capa da edição brasileira do livro *Pistas Falsas* (Instituto Itaú Cultural; Editora Iluminuras, 2020)

«Que bela é a natureza quando bem embalada.»
Tirinha de El Roto,
publicada no jornal El País em 9 set. 2019.



A capa da edição brasileira é talvez ainda mais perversa: ela mostra como tudo que estava em pé desmoronou, não permitindo ver onde termina o real e onde começa a ficção. Quer dizer, a criação. Ou vice-versa.

Melhor assim: as coisas valiosas nem sempre se revelam de imediato.

Aos estudantes de um curso de especialização em política cultural do qual Néstor (ou foi Canclini, não me lembro bem) participou algumas vezes, eu sempre propus um exercício de reflexão inspiradora sobre as obras do maior filósofo espanhol vivo, o cartunista El Roto – uma qualificação que leva alguns amigos espanhóis, em todo caso catalães, a um forte estado de exasperação...

Hoje, ao lado de El Roto, e no mesmo gênero literário, feliz e livre de antigas angústias, posso indicar, como *leitura de reflexão*, um romancista como E. M. Forster em seu

*A Máquina Parou*³ – e confesso não ter sido fácil enfiar um livro de ficção na bibliografia de um curso *sério* de política cultural – ao lado, agora, de outro companheiro, estas *Pistas Falsas*, deste outro escritor que reconhece os vastos e imparáveis recursos da literatura, um instrumento bem acima de tudo que ouse levantar a cabeça no horizonte do desconhecimento. E a indicação desta safra de Néstor é tanto mais justificável quanto fica evidente que, com *Pistas Falsas*, ele reata sua aventura inicial com a literatura sob o ponto de vista da antropologia, ou vice-versa, tal como a deixou manifesta num livro de seus inícios, lá em 1968: *Cortázar, una antropología poética*, um livro desse longínquo ano de 1968 de tantas

3. TEIXEIRA COELHO, J. Paisagem com risco existencial (posfácio). In: FORSTER, E. M. *A máquina parou*. São Paulo: Itáu Cultural; Editora Iluminuras, 2019, p. 65-102.

más lembranças para nós neste país sul-americano. O título do estudo sobre Cortázar fala por si, não devo acrescentar nada mais. Apenas sugerir que reparem no subtítulo de *Pistas Falsas*: “Uma ficção antropológica”. O círculo se fecha. Ouroboros: o símbolo da renovação pelo reatamento e superação do gesto inicial. Como se vê, de vez em quando alguma alma reencontra-se com seu espírito...

Uma advertência necessária: não se deixem enganar pelo título *Pistas Falsas*. Esse título fornece uma falsa pista sobre o conteúdo do livro e sobre a seriedade do que ali é dito. *Pistas Falsas* contém, na verdade, o *road map*, a *feuille de route*, o *caminho das pedras* a ser seguido se o objetivo for uma pesquisa fecunda sobre cultura e política cultural, uma pesquisa reexaminada e destilada. No contato pessoal direto, fora do recinto higienizado e cheio de *gestes barrières* do *bem pensar* próprio das salas de seminários e conferências, Néstor é alguém de muito bom humor – e é preciso comemorar, com ênfase, a imigração desse bom humor para o país interior do antropólogo sério. O que dará a esta edição da Cátedra um tom muito especial. A política cultural e a teoria da política cultural sequer suspeitam, mas precisam com urgência de uma renovação para a qual estas *Pistas Falsas* apontam. Renovação que torne a política cultural mais cultural e menos política.

Então, é hora de desejar boa sorte a Néstor – e boa sorte também a Canclini, cla-

ro – na condução do programa desta Cátedra. Se eles conseguirem se encontrar e acertar os ponteiros, como sem dúvida farão, os beneficiados serão a Cátedra, todos nós e, se ela ainda souber escutar, a política cultural.

Referências bibliográficas

- GARCÍA CANCLINI, N. *Cortázar. Una Antropología Poética*. Editorial Nova: Buenos Aires, 1968.
- _____. *Pistas falsas*. México: Editorial Sexto Piso, 2018.
- _____. *Pistas falsas*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural; Iluminuras, 2020.
- _____. Políticas culturais e crise de desenvolvimento: um balanço latino-americano. In: ROCHA, R.; BRIZUELA, J. I. (org). *Política Cultural: conceito, trajetória e reflexões*. Salvador: Edufba, 2019. p. 45-86.
- _____. A melhor política cultural é a que não existe? In: ROCHA, R.; BRIZUELA, J. I. (org). *Política Cultural: conceito, trajetória e reflexões*. Salvador: Edufba, 2019. p. 21-29.
- GREELEY, R. *La interculturalidad y sus imaginarios: Conversaciones con Néstor García Canclini*. Santiago; Barcelona: Palinodia; Gedisa, 2019.
- TEIXEIRA COELHO, J. Paisagem com risco existencial (posfácio). In: FORSTER, E. M. *A máquina parou*. São Paulo: Itaú Cultural; Editora Iluminuras, 2019, p. 65-102.